

LEITURA E FORMAÇÃO DOCENTE A PARTIR DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

DOI [10.5281/zenodo.10407302](https://doi.org/10.5281/zenodo.10407302)

Juliana Cavalcanti Candelária¹
Guaraciaba Micheletti²
Leila Sampaio da Silva³

RESUMO

O presente artigo é parte da pesquisa de mestrado cujo tema central é a importância de ser um professor leitor para o processo de ensino aprendizagem. Para isso, optou-se pela metodologia da pesquisa bibliográfica exploratória que visa utilizar como recurso aquilo que já se tem escrito sobre a temática. Considerar que a leitura possibilita uma abertura para o outro, não só pelas conversas que acontecem sobre os livros ou pelas narrativas que podemos vivenciar a partir delas, mas a riqueza de entrar em contato com a verdade do sujeito, as memórias e o poder de ressignificá-las e atribuir novo sentido às nossas histórias de vida. Sendo assim, acredita-se em uma possibilidade, a partir das narrativas autobiográficas, de reflexão do/a professor/a sobre seu comportamento leitor, suas escolhas e como elas interferem em seu fazer docente em sala de aula. Talvez uma potencial oportunidade de protagonizar um novo sentido identitário para os mesmos em suas ações pedagógicas.

Palavras-chave: Leitura. Narrativas. Formação docente.

READING AND TEACHER TRAINING FROM AUTOBIOGRAPHIC NARRATIVES ABSTRACT

This article is part of a master's research whose central theme is the importance of being a reader teacher for the teaching-learning process. For this, we opted for the methodology of exploratory bibliographical research that aims to use as a resource what has already been written on the subject. We believe that reading enables an opening to the other, not only because of the conversations that take place about the books or the narratives that we can experience from them, but the richness of getting in touch with our truth, our memories and the power to re-signify them. and give new meaning to our life stories. Therefore, we believe in a possibility, based on autobiographical narratives, for teachers to reflect on their reading behavior, their choices and how they interfere with their teaching activities in the classroom. Perhaps a potential opportunity to lead a new sense of identity for them in their pedagogical actions.

¹ Graduanda do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Educação na Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). Pesquisa sobre o tema Leitura e Formação Docente e partir das narrativas (auto)biográficas. julianacavalcanticandelaria@gmail.com, ORCID

² Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Educação na Universidade Cidade de São Paulo (UNICID); Professora Aposentada da Universidade de São Paulo (FFLCH - USP); guatti@uol.com.br, ORCID

³ Graduanda do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Educação na Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). Pesquisa sobre o tema Educação Estética nas narrativas (auto)biográficas; sampaio.leila@gmail.com; ORCID

Keywords: Reading. Narratives. Teacher training.

LECTURA Y FORMACIÓN DOCENTE DE NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS RESUMEN

Este artículo forma parte de la investigación de maestría cuyo tema central es la importancia de ser profesor de lectura para el proceso de enseñanza-aprendizaje. Para lograrlo se optó por la metodología de la investigación bibliográfica exploratoria, que pretende utilizar como recurso lo ya escrito sobre el tema. Considerando que la lectura permite una apertura hacia los demás, no sólo a través de las conversaciones que se dan sobre los libros o a través de las narrativas que podemos experimentar a partir de ellos, sino la riqueza de entrar en contacto con la verdad del sujeto, los recuerdos y el poder de dar nuevos significados. ellos y dar un nuevo significado a nuestras historias de vida. Por lo tanto, creemos en una posibilidad, a partir de narrativas autobiográficas, para que el docente reflexione sobre sus conductas lectoras, sus elecciones y cómo interfieren con su enseñanza en el aula. Quizás una potencial oportunidad para brindarles un nuevo sentido de identidad en sus acciones pedagógicas.

Palabras clave: Lectura. Narrativas. Formación docente.

INTRODUÇÃO

Quando Ho Chi Minh saiu da prisão e lhe perguntaram como conseguiu escrever versos tão cheios de ternura numa prisão tão desumana, ele respondeu: "Eu desvalorizei as paredes". Essa lição se converteu num lema da minha conduta. Ho Chi Minh ensinou a si próprio a ler para além dos muros da prisão. Ensinar a ler é sempre ensinar a transpor o imediato. É ensinar a escolher entre sentidos visíveis e invisíveis. É ensinar a pensar no sentido original da palavra "pensar" que significava curar ou tratar um ferimento. (Mia Couto: 2011, p. 98)

O objetivo do presente estudo é compreender como os pesquisadores percebem a importância de ser um professor leitor para o processo de ensino aprendizagem a partir de um olhar para as memórias de leitura dos docentes e faz parte de um projeto de pesquisa para o mestrado em educação.

Considerando o sujeito leitor um produto de um contexto histórico, sociocultural, a importância da leitura é indiscutível, em razão de proporcionar experiências e percepções sobre si, sobre o(s) outro(s), sobre o mundo.

Para a formação de um leitor competente, a escola, na maioria das vezes, é o único ambiente que propicia o acesso à leitura, daí a importância de se ter um professor leitor em sala de aula que possa relacionar sua capacidade leitora com seu fazer pedagógico.

Para tanto, acredita-se que as narrativas autobiográficas, possibilitem a (re)significação do sujeito a partir de sua história de vida e investe-se no memorial de

formação como metodologia de pesquisa para que o próprio professor, participante da pesquisa, reflita sobre o processo de ensino e aprendizagem.

Desse modo, para o presente artigo, optou-se pela pesquisa bibliográfica exploratória que, segundo Gil (2007), é uma técnica que auxilia a situar o assunto na literatura acadêmica; permitindo que o autor conheça o que já está escrito sobre o tema.

O referido autor afirma que

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem tornar-se particularmente importante quando o problema da pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. (Gil,2002, p.45)

Nesse sentido, nota-se a importância da pesquisa sobre os estudos, bem como de uma cuidadosa reflexão sobre o tema abordado.

Para isso, foi realizada uma busca de artigos com as palavras-chaves e suas combinações, no Banco de Periódicos da Capes, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e no Scielo. Dos textos encontrados, foram selecionados quatro artigos, de acordo com o tema e título que mais se aproximaram da intenção de pesquisa.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

“... há quem leve a vida inteira a ler sem nunca ter conseguido ir mais além da leitura, ficam pegados à página, não percebem que as palavras são apenas pedras postas a atravessar a corrente de um rio, se estão ali é para que possamos chegar à outra margem, a outra margem é que importa, A não ser, quê, A não ser que esses tais rios não tenham duas margens, mas muitas, que cada pessoa que lê seja, ela, a sua própria margem, e que seja sua, e apenas sua, a margem a que terá de chegar...” (Saramago, J. A Caverna, p. 77)

Considerando que o tema - a leitura -, não é atual, mas que continua sendo de extrema relevância, deparamo-nos com uma vasta produção de artigos científicos e teses acadêmicas que se referem às demandas apresentadas pelos professores, não apenas sobre esse tema, mas também sobre como são necessárias novas possibilidades de intervenções didáticas para que os estudantes possam desenvolver suas competências e habilidades de compreender e apreciar um texto.

Ler envolve muitas capacidades que dependem da finalidade da leitura, e, por isso, não podem ser reduzidas a mera decodificação de códigos e símbolos ou, ainda, na perspectiva de alguns, considerar o ato de ler como tão somente uma atividade ociosa, um simples deleite. Por muito tempo, ouviram-se professores afirmar terem perdido tantas aulas com um texto. Essa afirmação parece, finalmente, ter sido banida das conversas entre os mesmos por se ter percebido a importância da leitura em todo nosso cotidiano.

O fato é que ser letrado não é o mesmo que saber ler, em razão de que muitas vezes se lê sem compreender, sem apreciar. Frequentemente, as práticas de leitura na vida escolar só interessam como processo de repetição, de memorização, com atenção delimitada ao cumprimento do currículo, em especial, quando se trata de textos literários.

A leitura tem status de objetivo prioritário na educação desde a Educação Infantil, contudo a mesma precisa ser reconhecida como objeto do conhecimento, ser a mesma a própria intencionalidade do professor ao ensinar e do estudante ao aprender.

De acordo com Micheletti (2001), a leitura “não se restringe à decodificação de sinais e à identificação de palavras e frases, indo muito mais além”. Trata-se de “captação de sentidos”, a qual se realiza a partir de um conhecimento mais amplo, o que se tem assinalado como “conhecimento de mundo”.

defende a compreensão crítica de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Ler é muito mais do que um processo individual; é uma prática social que se realiza a todo tempo, nos mais diversos e diferentes espaços. Ao compreender a leitura como objeto do conhecimento, o professor possibilita que o estudante adquira competências que o permita extrapolar os muros escolares.

Para tanto, professores, assim considerados pela sociedade, como capazes de ler o mundo, por possuírem competência letrada, independente da área de formação e ciclo que atuam na docência, se tornam responsáveis por garantir que a leitura não fique restrita à escola, nem se ler para esta; mas essa é que deve garantir

que os estudantes se tornem capazes de refletir, reconhecer, identificar, analisar e se posicionarem acerca das informações veiculadas nos textos.

Para os que se tornam leitores, há a inserção e a participação como cidadãos na vida social, o acesso à memória cultural, ao conhecimento do passado para uma melhor compreensão do presente para a manutenção ou transformação do futuro.

Junto a uma necessidade que ainda persiste, de uma leitura mais abrangente, se assim se pode dizer, de um letramento, há um mundo em constante mudança, novas tecnologias e a necessidade de que os professores estejam preparados para atuar frente a todos esses desafios. Uma possibilidade da promoção desta mudança é oferecer momentos de (auto)formação aos professores.

Esses momentos formativos devem considerar a formação pela perspectiva do sujeito/professor, para que sejam significativos e possam oportunizar vivências e experiências, por meio da construção, reflexão e compartilhamento de suas narrativas de vida e de constituição como professor, como professor leitor.

Solé, I.(1998) afirma que além de aprender a ler é importante posicionar-se ao que lê, interrogando-se sobre o conteúdo e sobre a compreensão acerca dele, de forma a exercer “controle de sua própria aprendizagem”.

Há de se levar em conta que o professor, antes de se constituir como tal, no que tange a sua escolha e, por conseguinte, sua formação acadêmica, é um ser humano integrante de vários grupos sociais aos quais pertence e atua em comunidade.

O que aprendeu e como aprendeu influencia significativamente em seu fazer pedagógico, em quais escolhas metodológicas considera que serão eficientes para participar do processo de ensino de aprendizagem junto com seus discentes e consigo mesmo.

Desse modo, como ensina e também como aprende, poderá ser uma mera reprodução de suas memórias, mesmo que ele, professor, ainda que não se tenha dado conta, pode estar fazendo uso da mesma metodologia, por vezes bancária, de quando era estudante.

Importante, pois, considerar sua história de vida, levando-se em conta que não nascemos, mas nos tornamos leitores, a partir de nossa experiência de vida e subjetividades, dos significados e significação com a palavra escrita pelo outro, por nós e como ela nos afeta.

A leitura possibilita uma abertura para o outro, não só pelas conversas que acontecem sobre os livros ou pelas narrativas que podemos vivenciar a partir delas, mas a riqueza de entrarmos em contato com nossa verdade, nossas memórias e o poder de ressignificá-las e atribuir novo sentido às nossas histórias de vida.

Desse modo, a leitura, ao ser pensada como produto de uma ação cultural historicamente constituída, como um valor que se articula com o conjunto de valores e saberes socialmente construídos, permite ao leitor fazer inferências que o levem a construir significado, a partir de seu envolvimento entre a informação e suas memórias, da compreensão da subjetividade do autor, ao narrar e da expansão do nosso poder em apreciar e replicar.

A leitura dialoga com nosso eu; provoca-nos a compreender o que está fora e dentro de nós. Somos constituídos como sujeitos a partir da nossa incompletude e a leitura nos permite elaborar, ainda que simbolicamente, o que nos move ou deveria mover, em razão do conhecimento que se adquire sobre o mundo, sobre as coisas do mundo e, principalmente, sobre nós mesmos e sobre nossas escolhas.

Solé (1998) afirma que “(...) o leitor sente-se imerso em um processo que o leva a se auto-interrogar sobre o que lê, a estabelecer relações com o que já sabe, a rever os novos termos, a efetuar recapitulações e sínteses frequentes...”

A leitura possibilita o redirecionamento de significados que até então, não tínhamos sentido ou mesmo não nos fazia sentido, seja por nos fazer lembrar eventos passados, mas ainda vivos em nós, ou pelas novas oportunidades que a leitura pode proporcionar.

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e a sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Sendo assim, fica evidente que cada leitor é coautor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do

mundo que habita. (Boff, Leonardo. A águia e a Galinha. Petrópolis: Vozes, 1988, 14.^a edição)

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

Os pesquisadores que selecionamos para este estudo de revisão bibliográfica, assim como nós, consideram a relevância das histórias de vida para a autoformação.

Toscano, C., 2016, apoiado no referencial teórico por Bakhtin e Vygotsky, analisou sua própria história de vida, considerando seu próprio percurso formativo, o encontro com a prática da leitura e o direcionamento de sua formação como leitor.

a narrativa, aqui apresentada em forma de fragmentos, resulta de uma produção na qual eu sou instigado por um outro e, em face desse outro, que me indaga e me instiga, eu rememoro e narro e, ao fazê-lo, acabo rememorando também pra mim. Essa marca me coloca uma primeira diferença em relação à autobiografia, uma vez que eu me dobro sobre o rememorar num exercício que envolve certa reflexividade, que surge provocado por um outro e alimentado também por ele. (Toscano, C. 2016, p. 125)

O autor, ao descrever a análise de sua própria narrativa, fundamentado na literatura que se refere, considera que o foco da reflexão não é ele mesmo, mas as relações que viveu e, por conseguinte só pode voltar ao passado para responder à indignações de outrem sobre o seu percurso e não sobre si, evidenciando que sua gênese se localiza nas relações sociais vividas.

Em um outro viés metodológico de pesquisa, Gondinho, M.; Oliveira, L. e Veloso, C. 2020, investigaram, a partir de fragmentos relatados de histórias de vida, seus itinerários de formação como leitores, um grupo de professores de Teresina - PI da rede pública municipal. Seu objetivo era analisar a relação entre o capital cultural e a formação leitora dos professores participantes.

Optaram por promover essa investigação por meio das narrativas orais ancorados em Michel de Certeau (1996) e Antônio Nóvoa (2002)

Os autores afirmaram que a fala do indivíduo ocupa

um lugar privilegiado que permite o debruçar sobre percepções, experiências, considerando o caráter representativo de uma época, zelando pela experiência individual e lançando brechas para um viés objetivo na magnitude subjetiva. (Gondinho, M.; Oliveira, L. e Veloso, C. 2020, p. 443)

Compreenderam que, ao convidar os participantes a falar sobre suas experiências leitoras, o papel da família na constituição do sujeito leitor ganha papel de destaque, bem como do ambiente escolar que amplia a formação do capital cultural institucionalizado.

Concluíram que os participantes, em suas narrativas orais apresentaram semelhanças em seus percursos formativos, mas que interagem de maneira diferente com a cultura que adquiriram.

Carvalho, L. e Corrêa, H., 2012, optaram por utilizar como estratégia metodológica o uso dos memoriais individuais de leitura no curso de formação de professores para constituição identitária de futuros docentes, com o objetivo de que os participantes pudessem ressignificar suas práticas leitoras por meio da autorreflexão. Puderam constatar que “as memórias possibilitam o conhecimento de si e a transformação de suas práticas a partir de suas reflexões promovidas pelo rememoração”.

Consideram que “a memória é uma produção individual, com influência coletiva - social - caracterizada por movimentos e flutuações, instabilidades e seletividade”.

Acreditam que os memoriais de leitura acarretam benefícios na formação dos sujeitos e servem como instrumento pedagógico “que representam uma esperança para a educação e a formação de professores”.

Lima, P.; Andrade, F. e Vasconcelos, S., 2020, analisaram memoriais de formação, escritos por professoras em formação inicial do Curso de Letras da Universidade do Ceará (UFC) acerca de suas práticas de leitura a partir do embasamento teórico ao qual também nos filiamos, quais sejam: as concepções de estudiosos sobre História de Vida e Formação, como Josso (2010), Passeggi (2010) e Delory-Momberger (2006).

As mesmas autoras apontam que

As narrativas de formação colocam em evidência os desafios enfrentados ao longo da vida, fazendo com que os sujeitos, através de um diálogo interno, reconheçam suas potencialidades na superação dos obstáculos. Por meio da rememoração das recordações-referências e da compreensão dos processos pelos quais sujeitos sociais passaram, novos pontos de vista, novas leituras são elencadas, o que conseqüentemente enriquece e transforma as experiências já vividas e as que ainda estão por vir”. (Lima, P., Andrade, F. e Vasconcelos, S, 2020, p. 54)

Pensando sobre essa experiência de visitar o passado por meio da leitura, que nos permite enriquecer o que já conhecemos e vivemos, bem como olhar para esse saber de forma a ressignificá-lo, e, por conseguinte, atribuir-lhes novos sentidos como forma de conexão entre os tempos presente, passado e futuro, considerando a memória como um lugar de referência, de ponto de partida, recorremos a Vygotsky (1999) para entender a ideia de memória como função essencial na aprendizagem.

Ele afirma que a memória, assim como as demais funções psicológicas, deve ser entendida como uma totalidade em sua base material. Também salienta a relação entre pensamento e memória, assim como a relação com a percepção, atenção, linguagem e imaginação.

De acordo com Placco (2015), “a memória faz e refaz, afasta e aproxima”.

A autora afirma, ainda, que:

o ato de lembrar pode trazer consigo recursos de vitalidade e ânimo, gerados na espessura de uma experiência. Esta, quando interrogada e refletida, revela sentidos e oportunidades inesgotáveis de traçar outros significados. Esse movimento favorece possíveis inclusões e interpretações, atuando diretamente sobre a porosidade e potencializando novas aprendizagens. (Placco, 2015, p. 31)

Ao recorrer a memória, dá-se conta da incrível possibilidade de refazer as experiências passadas; refazer porque não as revisita com o mesmo olhar do passado, mas com os de hoje. Poder ressignificar algumas, encontrar respostas em outras e traçar novos horizontes para ainda outras.

Nas palavras de Passeggi, 2021

O sujeito autobiográfico se apresenta como desdobramento do sujeito empírico que toma a si mesmo, como objeto de reflexão. E mediante o uso da linguagem - oral, escrita, digital, gestual, icônica,... - transforma-se em narrativa, poesia e história. (Passeggi, M., 2021, p. 109)

Nesse sentido, o saber epistemológico gerado por meio das narrativas autobiográficas podem ser uma possibilidade de reflexão do/a professor/a sobre seu comportamento leitor, suas escolhas e como elas interferem em seu fazer docente em sala de aula. Talvez uma oportunidade de protagonizar um novo sentido identitário para o/a professor/a em suas ações pedagógicas.

Assim, a questão do sentido da formação, vista através do projeto de formação, apresenta-se como uma voz de acesso às questões de sentido que

hoje permeiam os atores sociais, seja no exercício de sua profissão – eles se assumem como porta-vozes dos problemas dos grupos sociais com os quais operam – seja nas vivências questionadas e questionadoras de sua própria vida. (Josso, 2007, p.414)

Desse modo, uma narrativa autobiográfica pressupõe que o narrador se distancie de si mesmo ao promover a análise de sua história de vida de forma crítica e reflexiva. Essa tarefa de pensar em si de forma consciente e a partir de uma compreensão de sua própria história, proporciona experiências formativas, podendo ressignificar de forma a fixá-los e ou consolidá-los. “O indivíduo se faz intérprete dele mesmo” (Delory-Momberger, 2006).

A colocação em comum de questões, preocupações e inquietações, explicitadas graças ao trabalho individual e coletivo sobre a narração de cada participante, permite que as pessoas em formação saiam do isolamento e comecem a refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedades que estão por descobrir ou inventar. As crenças de cada um e de cada uma sobre as potencialidades do humano desempenham aqui um papel maior. (Josso, 2007, p. 415)

Lima, P.; Andrade, F. e Vasconcelos, S., 2020, concluíram que as professoras que narraram suas histórias de vida

puderam ressignificar as práticas de leitura vivenciadas, de modo a perceber que, como responsáveis pelo ensino e incentivo ao ato de ler, não somente cabe ao seu exercício profissional o refinamento de habilidades de leitura, mas também a construção de práticas que levem ao engajamento dos estudantes em vivências pelas quais também possam interagir e se (re)construir ao longo de seu amadurecimento. (Lima, P.; Andrade, F. e Vasconcelos, S., 2020, p. 68)

E compactuamos com o mesmo entendimento das autoras ao relatarem que

por intermédio da escrita de narrativas autobiográficas, as alunas participantes deste estudo tomaram, por meio de um diálogo interno, a consciência do que, como e do quanto a leitura é significativa em suas vidas no âmbito pessoal e profissional, podendo fazer levar a novas projeções sobre seus projetos de vida e formação (Lima, P.; Andrade, F. e Vasconcelos, S., 2020, p. 69).

Desse modo, rememorar, por meio das narrativas, oportuniza um diálogo interno que enriquece e ressignifica o vivido e certamente, as que ainda estão por vir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que estão sempre mudando (Ramos, G., 1994).

Este trabalho teve como objetivo compreender melhor como as memórias dos docentes, registradas em narrativas autobiográficas, têm auxiliado na autoformação do professor leitor mais atento e com mais recursos para a abordagem da leitura com seus estudantes, a partir de uma revisão bibliográfica, ainda que não muito ampla como apresentamos aqui.

O que pudemos observar é que os autores não só reconhecem a importância da leitura como atestam que as narrativas contribuem significativamente para o processo de formação docente, uma vez que ocorre a tomada de consciência de sua própria história de vida de modo a ressignificá-la em torno de si e, por conseguinte, de seu fazer docente.

Notamos que a importância da leitura é considerada como ponto crucial em razão da mesma proporcionar experiências que desvelam sentidos, sensações e sentimentos acerca de si, do outro e do mundo contribuindo, assim, sobremaneira no processo de ensino e aprendizagem, para a formação do cidadão.

“A História é feita com o tempo, com a experiência do homem, com suas histórias, com suas memórias”, como afirma Soligo, R. (2007)

Ao longo do texto, procuramos contextualizar e trazer à baila conceitos dos autores que tratam da temática que pretendemos investigar no projeto de pesquisa de mestrado do qual este trabalho faz parte.

Em relação às metodologias utilizadas, cada um dos autores investigados desenvolveram suas pesquisas a partir da perspectiva narrativa fundamentada em diferentes autores.

Em que pese nosso respeito a todos eles, concordamos com a concepção de narrativas autobiográficas de estudiosos sobre História de Vida e Formação, como Josso (2010), Passeggi (2010), Delory-Momberger (2006) e Furlanetto (2003).

Essas autoras vislumbram o entendimento que nas narrativas autobiográficas, nesse ir e vir, entre os tempos, suas vivências e imersão nas memórias que são

reveladas em suas histórias de vida, participantes vão-se modificando. Aprendem e ensinam e se reafirmam como sujeitos e profissionais que refletem sobre suas práticas docentes.

No mais, valorizar as narrativas autobiográficas reconhecendo a importância do relato de vida escrito, no que concerne à intrínseca relação epistemológica entre o texto e a ação, como se o texto fosse a ação, na medida em que vai sendo narrado e vai reconfigurando o sentido do que foi lembrado.

Arriscamos afirmar que se trata de uma relação de intertextualidade entre o relato e as memórias visitadas, conforme vão sendo escritos, vão sendo ressignificados, oportunizando experiências formativas, que são fruto de uma re/construção de sentidos.

Defendemos, pois, as narrativas autobiográficas como uma privilegiada oportunidade metacognitiva, para que o professor participante possa ter conhecimento de si e de seu próprio processo e produto cognitivo de modo a potencializar ou transformar sua prática docente.

Nesse sentido

Aos poucos, os docentes vão se situando em suas trajetórias e descobrindo como traçam seus caminhos de formação. Os relatos deixam de se articular, somente, em torno de ideias e princípios pedagógicos formulados por outros, e passam a incluir experiências marcantes, consideradas fundamentais para seus processos de subjetivação. (Furlanetto, E., p. 131)

Por fim, a leitura é um tema de fundamental importância no ensino e aprendizagem, porque, mesmo no âmbito escolar, tudo passa por ela, não há dúvida. E, tendo em vista a pesquisa, ora iniciada, percebemos como as narrativas autobiográficas dos professores, trazendo à baila suas memórias, podem tornar-se num precioso instrumento de autoconhecimento e de reflexão para reverberar nas práticas de sala de aula.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **A águia e a Galinha**. Petrópolis: Vozes, 1988, 14.^a edição.

CARVALHO, Luana de Araújo e CORRÊA, Hércules Tolêdo. Memorial de leitura: Uma possível estratégia pedagógica nos currículos de formação de professores. **Anais do SIELP**, volume 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012, ISSN 2237-8758.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago.2006.

FURLANETTO, Ecleide Cunico. Como nasce um professor? Uma reflexão sobre o processo de individuação e formação. São Paulo: Paulus, 2003.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. **Editora Atlas**, 4.^a edição, 2002.

GONDINHO, Marta Rochelly Ribeiro; OLIVEIRA, Luisa Xavier de e VELOSO, Caio. História da Leitura: Professores leitores, políticas de circulação do livro e as reverberações na docência. **Revista Entre Línguas**, Araraquara, v. 6, n. 2, p. 436-448, jul/dez/2020.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, v. 30, n. 63, p. 41-438, 2007.

LIMA, Priscila Sandra Ramos de, ANDRADE, Francisco Rogiellyson da Silva e VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. Práticas de leitura reveladas em memoriais de formação escritos por professoras de Língua Portuguesa em Formação Inicial. **Revista Textura**, v. 22, p. 50-71, out/dez.2020.

MICHELETTI, Guaraciaba. Concepções e Práticas de Leitura na Escola: O Lugar do Texto Literário. **Itinerários**, Araraquara, 17: 65-75, 2001.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder autotransformador. **Práxis Educacional**, v. 17, n.44, p. 93-113, 2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto (trans) formador. **Práxis Educacional**, v. 17, n.44, p. 93-113, 2021.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SOUZA, Vera Lucia Trevisan de.

Aprendizagem do adulto professor. Edições Loyola. 2.^a edição, 2015.

SOLÉ, Isabel. Estratégia de leitura. Editora Artmed, 6.^a edição., 2015.

TOSCANO, Carlos. Práticas de leitura e formação docente: reflexões a partir de fragmentos de um percurso. Horizontes, v. 34. n.1, p. 123-136, jan/jul.2016

Recebido em 18-09-2023

Aceito em: 12-10-2023